

Costura de um retrato para o álbum do futuro

Lou De Resende (Maria Lúcia De Resende Chaves)

Resenha do livro *Escrita de uma memória que não se apaga – Envelhecimento e velhice*, Ângela Mucida. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Um exemplar de *Escrita de uma Memória que não se Apaga*, segundo livro de Ângela Mucida, publicado pela Autêntica Editora neste abril de 2009, repousa agora sobre a mesa branca donde se escreve esta resenha.

Vê-se, na capa, a reprodução de um Retrato de Mulher: olhos nos olhos de quem vê, rosto – e adereços – bordado em pano-tela, desenhado por traços de costura, agulha, linha, cor.

Pela voz da epígrafe, o texto conceitua-se: “*não sou um texto revelado, nem inspirado, sou apenas feito [...]*”, fragmento da obra da sempre-viva-inda-que-ida escritora portuguesa, a Maria Gabriela Llansol.

O curso narrativo traz depoimentos também daquela bela avó, motivo do retrato; cheia de idade, viva, linda de se admirar, por exemplo, quando, deitada leva pés e pernas para além do chão onde pousa sua cabeça branca... (ver foto da capa do livro *O Sujeito não Envelhece*, o primeiro da autora).

É da velhice e do jeito próprio de envelhecer de cada humano que Ângela fala: sem esconder suas próprias falhas e perdas; em tom de texto *apenas feito*; em pauta de uma *honestidade superior*, expressão cunhada por Italo Calvino para designar um escrito portador da palavra do texto sem impostura.

E de que fala?

Do “*estranho familiar*” freudiano vivenciado pelo humano na apreensão da própria imagem; da antipatia/e/ou/fascinação, passíveis de serem provocadas pela visão da própria imagem no espelho; da identificação; da diferenciação; da trilha do envelhecimento; da aposentadoria; do sujeito que jamais se aposenta, comprometido com o trabalho não obrigatório nem remunerado; de um conceito de trabalho em prol do tornar-se sujeito da escolha-escrita pela via do próprio desejo de viver; de um trabalho que não cessa pró uma ascensão à humanidade, justo pela animação do Desejo, pelo movimento topológico de dar-se à aprendizagem de amar também as

marcas que relembram o gradual fenecimento do tempo, das perdas, das dores, dos enganos que se sonham, com os quais se sonha, vive, chora, esquece, e lembra...

(– *Álbum do futuro*, Gabriela! Uma escrita-por- vir, Calvino!)

... de amor/desamor às transformações do aparente corpo...; de doença, depressão; de feridas narcísicas sulcadas por perdas...:

Se o idoso se acomodar e não lutar contra o desânimo não se levanta. Faço aeróbica, exercícios de yoga e depois me sinto bem. Não são apenas os exercícios que ajudam, mas também o companheirismo e a alegria que encontro no grupo. Meu joelho começou a doer e falaram em operá-lo, fiz fisioterapia e exercícios com ele todas as manhãs e agora não tenho mais nenhuma dor. Se o corpo só quer cama, luto contra isto; levanto, cuido da casa e faço atividades. Não sinto mais dores nos ossos e cuido da alimentação, como o que posso e bebo muita água; a saúde entra também pela boca. (Marieta, 85 anos – Capítulo III : “*A escrita no corpo e seus destinos*”, p. 73)

Do texto de “Apresentação” desse livro de Mucida, ouço ainda líquidos ecos:

[...] se é da “escrita de uma memória que não se apaga” que o livro trata ao abordar o envelhecimento e a velhice, já podemos prever que não é da vida reduzida ao corpo e do corpo reduzido a vísceras e humores que este livro vai tratar. (Lúcia Castello Branco, p. 13)

E do que será, então?

Este texto responde que é de um corpo portador da vida em e para além de toda a sua Biologia, Fisiologia, Anatomia...

É, *Mais Ainda*, de um corpo-ânima, a ser reacordado a cada instante até o último, que aquele livro vem tratar. Corpo de sujeito que escuta e pronuncia anunciação; sujeito sintático de oração que transporta transmissão; sujeito conjugador do verbo que se faz carne, carne daquele que envelhece cômico do inexorável que cai por terra, sem deixar que se aposente o *dinamismo libidinal*... (o luar, Llansol?)

A libido pode ser investida de maneiras diversas e para lá de uma sexualidade copulada com imagens trazidas de um espelho exterior: eis uma das apostas do livro.

O tom dissertativo, muitas vezes, quebra-se e narra; evoca o discurso direto; d'outras, quebra-se e cita: fragmentos de literatura e fundamentos de psicanálise vão se entremeando. Percebe-se que Ângela se esforça por dobrar a língua laica de psicanálise no afã de transmitir a proposta conceitualmente suportada pela lógica entre Freud e Lacan, sem ser, no entanto, acudida por nomes de conceitos teóricos: duro exercício de abrir as mãos que escrevem a se perder em um imenso vocabulário específico.

Lembro, ainda, e por fim, um tom realista feminino que salta – realista de uma realidade vertida para um compromisso com o real ao pesar da realidade, em clima de uma conversa ao “pé do ouvido”, sem pretensão, própria de gente e de vitalidade.

